



A Formação do Campo Científico da Comunicação na América Latina: aspectos da noção de campo de Pierre Bourdieu¹

Celso Francisco GAYOSO²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este trabalho tem como objetivo tratar de idéia-síntese do pensamento de alguns pensadores latino-americanos em comunicação; suas contribuições para a constituição deste campo, sob o conceito de campo formulado por Pierre Bourdieu. Analisando as condições de produção do conhecimento latino-americano em comunicação, considerando a gradação desde a idéia de comunicação popular até o pensamento da comunicação através da cultura, bem como alguns aspectos históricos da emergência do pensamento latino-americano, relacionado à idéia de um pensamento em resposta à uma ordem vigente de pensamento ditada por centros hegemônicos de produção científica. O elogio à estrutura cognitiva do receptor, o vanguardismo das propostas teóricas e metodológicas destes autores que inauguraram uma escola de pensamento que propôs uma ruptura epistemológica.

Palavras-chave: pensamento latino-americano, Bourdieu, campo científico.

A constituição do pensamento latino-americano em comunicação foi fruto de uma resposta às imposições de um modo de produção do conhecimento científico norte-americano. A sistematização da produção científica na América Latina foi, e ainda é, fruto do trabalho de inúmeros pesquisadores. Este texto se propõe a pensar as condições de produção deste pensamento marcado pela proeminência da estrutura cognitiva do receptor sob a égide do pensamento do autor francês Pierre Bourdieu.

Talvez a vertiginosa imprecisão nas pesquisas dos campos culturais e, em sentido mais estrito, comunicacionais, seja o motor dos desdobramentos de tantas “tentativas científicas” nesta área do conhecimento. Porém, mais do que

¹ Trabalho apresentado no NP de Teorias da Comunicação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Curso de Comunicação e Cultura da ECO/UFRJ, email: celsogayoso@terra.com.br

necessariamente precisar o início e o desenvolvimento destes “campos” científicos, é importante para mim, na condição de pesquisador, saber como as ciências sociais chegaram em certo consenso a uma “definição sociossemiótica da cultura”; bem como, posteriormente, ao que entende-se por comunicação na contemporaneidade. Mas, para isso, se faz necessário analisar as condições de produção de um, dos inúmeros atores que se debruçou sobre esta temática. Para este trabalho, o autor que direcionará esta análise será Pierre Bourdieu.

Ao analisar a produção científica de determinado autor, faz-se necessário circunstancialmente considerar as condições de produção que determinaram a constituição de um conceito. No caso específico de Pierre Bourdieu, a condição de produção de sua obra, perpassa, pela “inconstância disciplinar”, tornando-se quase “indisciplinar” no percurso acadêmico. Ora como sociólogo, ora como etnógrafo, ora como filósofo. Desta forma, Bourdieu experienciou várias áreas do conhecimento, ainda que não as fizesse de forma sistemática, a sistematização de seu conhecimento provém dessa *flanagem* científica a que este também, cientista social, se propôs.

E dentre, alguns dos termos que são atribuídos a Pierre Bourdieu, a noção de campo, talvez seja o que tenha mais proeminência em sua obra. Acordando com a noção de sociedade de Max Weber, Bourdieu, de alguma forma, contraria o pensamento marxista tradicional, dizendo que a sociedade não pode ser analisada apenas sob a perspectiva de classes econômicas e ideológicas. Para Bourdieu, o campo³ é um espaço simbólico, onde seus agentes, lutam, para constituição do mesmo e de si próprios. Para questões metodológicas e mais aplicáveis aos estudos de Bourdieu, utilizarei o termo campo a partir de então no plural, em função dos inúmeros campos aos quais, o autor se debruçou: científico, cultural, moda etc.

Sendo assim, campos são sistemas de relações objetivas constituídas de várias espécies de capital (econômico, simbólico), as posições em um campo são relativas, não diretamente através das interações ou conexões, mas em termos de relações de diferenças, especialmente ao considerar as formas de poder (capital). Para diferenciar o campo, das relações sociais é importante ter em mente que, enquanto o campo é definido pela diferenças entre os proprietários (e/ou componentes), as relações sociais são definidas pelas conexões entre eles. Mas como se constistui um campo?

³ Campo de batalha, sendo em algumas traduções da obras de Pierre Bourdieu utilizado o termo arena, que se refere aos campos de batalha.

O antropólogo latino-americano Nestor García Canclini em uma de suas obras, busca atualizar alguns conceitos propostos por Pierre Bourdieu e partindo da definição do francês de constituição de campo, afirma que existem dois elementos fundamentais para a constituição de um campo: a existência de um capital comum e a luta pela sua apropriação. A partir disso, Canclini deduz que:

“Um campo existe na medida em que não se consegue compreender uma obra (um livro de economia, uma escultura) sem conhecer a história do campo de produção da obra. Quem dele participa tem um conjunto de interesses comuns, uma linguagem, uma ‘cumplicidade objetiva subjacente a todos os antagonismos’ e, por isso, o fato de intervir na luta contribui para a reprodução do jogo mediante a crença no valor deste jogo. Sobre esta cumplicidade básica constroem-se as posições de confronto.” (CANCLINI: 2005, p. 79)

E, ao consultar a bibliografia do autor francês, encontra-se constantemente alusões e apropriações do termo “campo”. Em 1997, Bourdieu através do Institut National de la Recherche Agronomique (INRA) escreve *Les usages sociaux de la science: pour uma sociologie clinique du champ scientifique*⁴, para tratar da constituição do campo científico na referida instituição e dentre algumas das conclusões a que o autor chega é de que:

“Todo campo, o campo científico, por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças. Pode-se, num primeiro momento, descrever um espaço científico ou um espaço religioso como um mundo físico, comportando as relações de força, as relações de dominação. Os agentes – por exemplo, as empresas no caso do campo econômico – criam o espaço, e o espaço só existe (de alguma maneira) pelos agentes e pelas relações objetivas entre os agentes que aí se encontram” (BOURDIEU: 2003, p.23)

Nessa mesma obra, Bourdieu trata também da definição dos agentes sociais, que compõem determinado campo e para o desenvolvimento deste trabalho faz-se necessário:

“Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições. Essas estratégias orientam-se para

⁴ Editado no Brasil, em 2003 pela Editora da Universidade Estadual de São Paulo: Editora Unesp.

a conservação da estrutura seja para a sua transformação, e pode-se genericamente verificar que quanto mais as pessoas ocupam uma posição favorecida na estrutura, mais elas tendem a conservar ao mesmo tempo a estrutura e sua posição, nos limites, no entanto, de suas disposições (isto é, de sua trajetória social, de sua origem social) que são mais ou menos apropriadas à sua posição” (BOURDIEU, 2003, p. 29).

Até o presente momento, neste trabalho, me ative simplesmente na definição de alguns termos concernentes ao que propôs Pierre Bourdieu ao tratar, se é que assim podemos chamar de “teorias dos campos”. Para delimitar metodologicamente e epistemologicamente este estudo, faz-se necessário cercear o território espacial a ser explorado para esta pesquisa.

O solo movediço da disciplina comunicação, bem como, uma de suas áreas de atuação, a cultura; não conferem ainda a esta disciplina o *status* ou a condição de ciência propriamente dita. Exatamente, por não haver uma precisão de seus métodos e objetos de pesquisa, sendo necessário para a execução desta, o “empréstimo” de alguns conceitos de outras ciências sociais, tais como a antropologia, sociologia e filosofia; além da “invasão” da comunicação nestes campos, provocando assim o que convencionou-se chamar de transdisciplinaridade.

Para falar da constituição do campo científico em comunicação na América Latina, e utilizar um autor francês, no caso, Pierre Bourdieu, a princípio percebe-se um contra-senso nesta investida científica. Pois, para os pensadores latino-americanos em comunicação, um dos maiores objetivos é exatamente a autonomização na produção científica, buscando assim não vincular-se às ciências produzidas “fora do eixo” onde se encontram.

Porém, para este caso em específico, as “teorias dos campos” servirão como sistematizadores desta produção científica em comunicação e como pretexto, num momento posterior, para a organização sistemática desse campo científico produzido na América Latina. Nem tanto metodológico e mais epistemológico, o anseio é autonomizar não apenas as produções científicas, bem como, a sistematização dessas produções.

Mas o que necessariamente diferencia a produção do conhecimento em comunicação produzido na América Latina, do que se produz na Europa ou Estados Unidos? Que características são capazes de dar proeminência a estes estudos produzidos

abaixo da linha do Equador? Serge Latouche ao tratar da “ocidentalização do mundo” afirma que a condição de formação é preponderante neste aspecto, e conhecendo ainda que superficialmente o processo colonizatório do território latino-americano, as respostas para os questionamentos acima levantados podem ser encontradas:

“Os excluídos dos benefícios materiais e simbólicos da ‘modernização’, cada vez mais numerosos, podem e devem inventar soluções novas para sobreviver como espécie e como humanidade. Esses projetos diferentes se encontram na prática, na improvisação e no biscate.”
(LATOUCHE, 1996, p. 14).

Nestas tentativas de sobrevivência é que se encontram as singularidades dos processos comunicacionais da América Latina. Neste aspecto, alguns pensadores latino americanos se destacaram ao longo do século XX: Luis Ramiro Beltrán, Mario Kaplún, José Marques de Melo, Luiz Beltrão, Jesus Martín-Barbero e Néstor García Canclini. E como afirma, o próprio Bourdieu, “um campo existe na medida em que não se consegue compreender uma obra sem conhecer a história do campo de produção da obra”. Portanto, para entender a constituição do campo latino-americano em comunicação, analisar as condições de produção de cada um dos autores é imprescindível.

A existência da comunicação popular

Luiz Beltrão de Andrade de Lima, jornalista e comunicólogo brasileiro, foi quem propôs a criação do curso superior de Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco em 1961. Porém, foi apenas dois anos mais tarde, que seus estudos sistemáticos em jornalismo contribuem significativamente para o que convencionamos chamar de pensamento latino-americano em comunicação. Em 1963, com a publicação de *Métodos de Enseñanza de la Técnica del Periodismo*, no livro da CIESPAL – Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina, foi que Beltrão passou a ter contato com pesquisadores europeus e norte-americanos, criando o primeiro centro de estudos em fenômenos comunicacionais do Brasil, o ICINFORM – Instituto de Ciências da Informação. O aspecto mais significativo de sua obra, sem dúvida, é o conceito cunhado pelo autor, como *folkcomunicação*, que consiste na idéia de que a comunicação mediada pelos agentes populares, tem a mesma carga informativa

da comunicação produzida pelo *mass media*. Beltrão afirma essa coexistência entre os agentes populares e o *mass media*, ao considerar a realidade do nordeste brasileiro, onde havia uma negligência e de também, resistência ao processo de modernização, proposto pelo governo brasileiro a partir da década de 1960.

A possibilidade de auto-gestão da comunicação popular

Mario Kaplún, argentino de nascimento, desenvolve a maior parte seus trabalhos no Uruguai, junto às comunidades rurais, através dos cassetes-foro. Sob influência do pensamento do educador (e também comunicólogo) brasileiro Paulo Freire, Kaplún coloca em prática o sistema educativo liberador proposto por Freire. Talvez, o que dê mais proeminência ao trabalho de Kaplún, em relação a Paulo Freire, esteja justamente na aplicação, enquanto Freire se ateuve à sistematização de um modelo educativo dialógico, Kaplún buscou colocar esse dialogismo em prática. Em comum, as ditaduras militares, especificamente no ano de 1968; no Brasil, com o presidente Costa e Silva e no Uruguai, o presidente Pacheco Areco. As ditaduras eram um desserviço ao processo educacional, em que Kaplún e Freire convergem a *Comunicação e Educação*.

Um dos objetivos fundamentais da educação é potencializar os educandos como emissores, oferecendo-lhes possibilidades, estímulos e capacitações para a auto-gestão das mensagens. Para ele, o aprendizado e a comunicação são componentes de um mesmo processo cognitivo, a comunicação de algo pressupõe o pleno conhecimento daquilo que se comunica e o pleno conhecimento de uma coisa se alcança quando existe o compromisso de comunicá-la. No plano prático, Kaplún foi apresentador de um programa televisivo de atualidades sociais e políticas, que ficou durante 6 anos no ar no Uruguai. No final da década de 1960, elaborou uma série de programas radiofônicos com a proposta de educação libertadora de Paulo Freire. Exilado na Venezuela entre 1978 e 1985, coordenou a área de Comunicação do Serviço de Ação Popular. Ao retornar ao Uruguai foi um dos fundadores da *Escuela de Ciencias de La Comunicación*, da *Univesidad de La República*. Sua maior contribuição através dos programas radiofônicos foi a conscientização da noção de democracia ao povo campesino. Em se tratando de comunicação, isso recorre também aos estudos desenvolvidos pelo brasileiro Luiz Beltrão, pois “autoriza” o comunicador popular

como agente portador da informação, não restringindo apenas ao modelo vertical de comunicação e o passo adiante dado por Kaplún está na tentativa de desenvolver mecanismos produzidos para os populares de gestão da comunicação.

Pensando sobre o que pensava a comunicação latino-americana

Luis Ramiro Beltrán Salmón, boliviano, filho de jornalistas, concluiu seus estudos em Humanidades na *Universidad Mayor de San Andrés*. O diferencial da trajetória acadêmica de Luis Beltrán em relação a Luiz Beltrão e Mario Kaplún, está no fato de ter rompido com a realidade boliviana, e desenvolver seus estudos em comunicação também a partir da realidade campesina – até então, e ainda hoje, predominante no território boliviano –, em instituições de ensino dos Estados Unidos. O modelo difusionista norte-americano propunha a modernização através do emprego da tecnologia, e isso seria um trabalho específico com as comunidades rurais dos países subdesenvolvidos, a base de aplicação deste modelo seria o que eles chamavam de revolução tecnológica. Porém, o formato de comunicação proposto neste modelo difusionista encontrou muita resistência por parte dos pensadores latino-americanos, que tinham seus contrerâneos como público-alvo.

Mesmo assim, as teorias da modernização encontraram terreno especialmente fértil no campo agrícola, para o qual desenvolveu-se diversas experiências dentro do que se convencionou chamar de difusão de tecnologia, ou difusão de inovações, ou simplesmente difusionismo. A aplicação desse paradigma encontrou aderência nos países latino-americanos e foi incorporado particularmente pelas agências de desenvolvimento agrícolas brasileiras que, até hoje, em sua quase totalidade, a adotam, muitas vezes de forma ortodoxa e irrefletida. Como epistemólogo, Beltrán sistematizou o conhecimento que surgiu em reação ao modelo norte americano por parte do latino-americanos.

O estudo verificou que tais críticas não partiam apenas de pensadores latino-americanos; surgiam também nos próprios Estados Unidos e, o que era de certa forma surpreendente, de alguns dos próprios pesquisadores que a conceberam. Uma delas - mais localizada na aplicação do modelo - partiu do próprio Everet Rogers - um dos pais do difusionismo - ao reconhecer que dentre os defeitos do modelo constituía "no uso

indevido de métodos de pesquisa amarrados a uma cultura (principalmente desenvolvidos nos Estados Unidos) em pesquisas por entrevistas nos países menos desenvolvidos".

O papel do mediador na comunicação latino-americana

Jesús Martín-Barbero, espanhol, apesar de não ser latino-americano de nascimento, terá a Colômbia como “segunda pátria”, onde o autor irá desenvolver seus estudos de investigação em comunicação na América Latina. Dentre os aspectos mais significativos de sua obra, a adaptação de alguns modelos teóricos em comunicação junto à realidade latino-americana tornam-se o cerne de suas pesquisas. Para Barbero, a recepção se faz com reconhecimento e apropriação de determinada informação, fazendo assim, a recepção enquanto domínio das ciências da comunicação. Porém, é na análise dos processos locais de cultura, de acordo com ou não com os processos de comunicação midiática, será o objeto maior de sua investigação, até chegar no conceito de mediador, proposto na obra *Dos meios às mediações*.

No texto em análise *Dos meios às mediações*, Martín-Barbero parte da análise de autores da escola de Frankfurt (Adorno e Horkheimer) sobre os efeitos dos processos de legitimação e lugar de manifestação da cultura em que a lógica da mercadoria se realiza e faz o encontro posterior com os trabalhos de Benjamin, atravessando o conceito de indústria cultural.

Martín-Barbero chama a atenção para o estranhamento e o aristocratismo cultural de Adorno, "que se nega a aceitar a existência de uma pluralidade de experiências estéticas". E indica o modo como Benjamin foi discriminado por Adorno e Horkheimer. Benjamin, ao invés, não investiga a partir de um lugar fixo, pois torna a realidade como algo descontínuo, e trabalha áreas e assuntos como Baudelaire, as artes menores, a fotografia. Dois temas serão condutores para ler Benjamin – as novas técnicas e a cidade moderna –, projetos que o próprio Martín-Barbero também abraça.

Em Martín-Barbero, o mediador assume um papel fundamental. O mediador, pessoa que habita ou visita um bairro da cidade, permite um fluxo permanente de sentidos, com novas experiências culturais e estéticas. A mediação é a articulação entre os processos de produção dos media e as suas rotinas de utilização no contexto familiar,

comunitário e nacional. Aqui, o discurso narrativo dos *mass media* adapta-se à tradição narrativa popular; por isso, a importância de estudar as telenovelas enquanto formato televisivo contemporâneo.

Pensando a comunicação através da cultura e a cultura através da comunicação

Nestor García Canclini, nasceu na Argentina onde iniciou seus estudos recebeu o título de doutor pela *Universidad Nacional de La Plata* e posteriormente na Universidade de Paris. Lecionou durante algum tempo nas universidades da Prata e de Buenos Aires, mas foi a partir da década de 1990, na Universidad Nacional Autónoma do México, que começou a dirigir o Programa de Estudos sobre Cultura.

Apesar de não ser considerado um comunicólogo propriamente dito, Canclini através de suas investigações acerca dos hábitos culturais, em primeiro plano, dos mexicanos, perpassará pelos meios de comunicação que constituem a cultura latino-americana, enfatizando sempre o atrito provocado pelo processo de modernização proposto por países desenvolvidos com o tradicionalismo de algumas comunidades da América Latina. Canclini busca interpretar as culturas latino-americanas, desde a compreensão das lógicas das culturas populares, a recepção e o consumo de bens culturais, a hibridização cultural que esses processos geram e o impacto da globalização neste projeto.

Canclini é absorvido mais veementemente pelos Estudos Culturais na América Latina, tendo assim, os estudos em comunicação como um dos elementos constitutivos de suas investigações. Porém, isso não desqualifica a importância da contribuição do autor para a inquietação provocada no plano científico acerca dos problemas enfrentados pelos latino-americanos face ao processo de globalização.

Condições históricas de emergência do pensamento latino-americano

Historicamente subjugados por metrópoles européias, as sociedades latino-americanas desde sua indexação às coroas ibéricas, sempre ocuparam lugar secundário na configuração econômica mundial. Não apenas no plano econômico, como também, nas instâncias produtoras de conhecimento. As idéias desenvolvidas em solo (e

principalmente por “nativos”) das sociedades consideradas “coloniais” dificilmente exerciam influências nas metrópoles. Talvez, esta seja uma proposição deveras simplista do processo colonizatório, mas é notoriamente procedente. Porém, existem em algumas instâncias, casos em que certos *modus vivendi* dos latino-americanos conseguiram difundir-se junto aos “colonizadores”, invertendo assim, a lógica do modelo difusionista norte-americano em comunicação.

O modelo difusionista propunha um mecanicismo do processo informacional que deixava em segundo plano toda estrutura cognitiva pré-existente do receptor, considerando que o processo de adoção de novos conhecimentos se daria de forma automática. Esta proposta de modelo de comunicação, antes de mais nada, era uma tentativa de solução à problemática imposta pelo processo de modernização que encontrava alguns impeditivos, principalmente nos países subdesenvolvidos, herdeiros do processo de colonização. Em resposta a estas imposições por parte dos pensadores norte-americanos no campo comunicacional, ocorre o que se pode chamar de emergência do pensamento latino-americano. Pensamento este que não negligenciava a estrutura cognitiva do receptor, mas sim, sistematizava suas formas de recepção, bem como, os usos sociais que os latino-americanos faziam da comunicação, ao seu modo.

Resultante do processo de emergência do pensamento latino-americano, produz-se em alguns centros de pesquisa científica, um elogio à pesquisa em localidades fora dos centros hegemônicos de produção científica. Boaventura de Sousa Santos diz que isso se deve em função da condição de marginalidade e excentricidade dos pesquisadores de regiões que não correspondem à Europa, nem Estados Unidos. Para tentar romper com a tradição científica que evidencia apenas a produção dos centros hegemônicos, é necessário conceber um pensamento desterritorializado, calcado em racionalidades múltiplas, não restringindo-se assim aos ditames do mundo ocidental.

Ao tratar da ocidentalização do mundo, Sergio Latouche fala da necessidade dos excluídos deste processo em pensar em formas (alternativas) capazes de resistir enquanto espécie, elaborar táticas de sobrevivência. Enquanto as estratégias operam com projeções teleológicas, as táticas têm um caráter mais imediatista, são soluções práticas para problemas do cotidiano destes indivíduos. E talvez seja isso, que singularize o processo de produção de sentido nas regiões fora dos centros hegemônico.

No campo da Comunicação, alguns autores latino-americanos notabilizaram-se por sistematizar os modos de produção e as subjetividades dos meios e dos usos que se fazem dos meios de comunicação na América Latina. Mario Kaplún, Luis Beltrán, Jesus Martín-Barbero etc. No caso do Brasil, Luiz Beltrão foi um dos pioneiros ao (re)pensar os modos como a comunicação era concebida, tendo em vista o modelo norte-americano de comunicação, o *Mass Communication Research*. Beltrão cunhou o termo *folkcomunicação*, que compreende a comunicação mediada pelo povo, tendo assim, equivalência aos meios de comunicação de massa. Desta forma, a preocupação que o modelo norte-americano tinha ao tratar desses meios era a de pensar como os meios influenciavam a população. No entanto, a tradição latino-americana, como no caso de Beltrão, promove uma considerável inversão nesse processo e passa a pensar em como as pessoas utilizam estes meios.

O “desserviço” à modernidade proposto pelo difusionismo produziu e ainda produz táticas, num plano mais imediato; e estratégias, mais teleologicamente, no campo da comunicação. E com a sistematização destas concepções e aplicações “diferentes” de comunicação é que o campo científico em comunicação na América Latina tem se estabelecido.

Neste sentido podemos entender que a lógica de produção e formação do pensamento latino-americano adequou-se à importância dada por Pierre Bourdieu a história das noções e dos conceitos, como apresentados sinteticamente neste trabalho, preocupação esta, fruto de sua influência do pensamento de Durkheim acerca da historicização das categorias, pois somente a partir da consciência história destes conceitos e noções aventados pelo pensamento latino-americano é que conseguiu romper com a estrutura vigente de pensamento em comunicação e ocasionar assim, uma ruptura epistemológica.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus Editora, 2005.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.



BOURDIEU, P. **The field of cultural production**. Columbia: Columbia University Press, 1993.

BRANDÃO, L. L.. **A casa subjetiva**. São Paulo/Mato Grosso: Editora Perspectiva/Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, 2002.

DOMINGUES, J.M. & MANEIRO, M. (orgs.). **América Latina hoje: conceitos e interpretações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FEATHERSTONE, M. (org.). **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

FERES JÚNIOR, J. **A história do conceito de “Latin American” nos Estados Unidos**. Bauru: EDUSC, 2005.

CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1998.

CAREY, J.. **Communication as culture: essays on media and society**. New York: Routledge, 1988.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer e 2. Morar e cozinhar. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 1971.

GRUZINSKI, S. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUSHIKEN, Y. **Dialogismo: Emergência do Pensamento Latino-Americano em Comunicação**. Rio de Janeiro: Intercom, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

LATOUCHE, S. **A ocidentalização do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MELO, J. M.de (org.). **O pensamento latino-americano em comunicação**. Comunicação & Sociedade, 15. São Bernardo do Campo: UMESP, 1996.

MELO, J. M. de. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis: Vozes, 1998

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais / Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.